



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A APROPRIAÇÃO DA CATEGORIA TEMPO NOS ESTUDOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS DISPONÍVEIS NA MÍDIA ELETRÔNICA: UMA PRIMEIRA VISITA

Nerêida Maria Santos Mafra Benedictis*
(UESB)

Shirlene Santos Mafra Benedictis**
(UESB)

Lívia Diana Rocha Magalhães***
(UESB)

RESUMO

O presente artigo faz uma visita embrionária nas discussões sobre o tempo e suas multiplicidades. Para isso, elegemos a pesquisa bibliográfica no site da Scielo do Brasil, Scientific Electronic Library Online como lócus do referido estudo. Vale ressaltar que, tal estudo é de suma importância, pois se compreende que essa categoria é basilar para a discussão sobre a Memória.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo. Multiplicidade. Memória.

INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta um estudo inicial sobre a categoria tempo, considerando a necessidade de sua compreensão para os estudos que estamos

* Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Professora Assistente do Departamento de Geografia da UESB. Membro do Grupo de Pesquisa - CNPQ: Museu Pedagógico: a educação escolar e do Membro do Grupo de pesquisa: [Espaço, Memória e Representações Sociais](#) – UESB. E-mail: nereidamafrabenedictis@gmail.com.

** Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Membro do Grupo de Pesquisa: Museu Pedagógico: a educação escolar. Professora Adjunto I do Departamento de Filosofia da UERN. E-mail: shirlenemafr@yahoo.com.br.

*** Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Líder do Grupo de Pesquisa: Museu Pedagógico: a educação escolar. E-mail: lrochamagalhaes@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

desenvolvendo no campo da memória. Portanto, debruçamos sobre a temática, tomando como referencia conceitos de formulação filosófica e sociológica clássica e em seguida percorremos textos atuais que utilizam dessa categoria para estudos na Área de Humanas e que estão disponíveis no site da Scielo do Brasil, Scientificque Eletronic, Library Online como lócus do referido estudo. É suposto que esses conceitos e categorias analíticas, não estão ausentes de um contexto, de uma visão, possui uma história, uma base que os sustenta.

A categoria tempo tornou-se um elemento e um instrumento importante para compreensão de fatos que dantes não eram percebidos ou de interesse. Logo, tornou-se, para além de um simples objeto da história, e seu estudo, trouxe importantes contribuições para a compreensão daquilo que aconteceu na sociedade, nas relações sociais, no espaço, de forma contínua, possibilitando assim uma melhor apreensão do passado. Essas características concebem o tempo como indissociável para a apropriação da Memória.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo desenvolver uma breve exposição sobre a percepção do tempo e sua multiplicidade para a memória. Nota-se ainda que, esses aspectos foram discutidos e estudados durante a disciplina Memória e Trajetórias Sociais com fundamentação em diversos autores, o que conduziu para a elaboração dessa comunicação.

A preleção pelo site se deve por sua relevância e abrangência como uma biblioteca eletrônica possuidora de uma coletânea de periódicos científicos em diversas áreas do conhecimento. Esses artigos são resultados de projetos de pesquisa financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo ([FAPESP](#)), em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Conforme informações do site, a partir do ano de 2002, o Projeto passou a ser apoiado, também, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

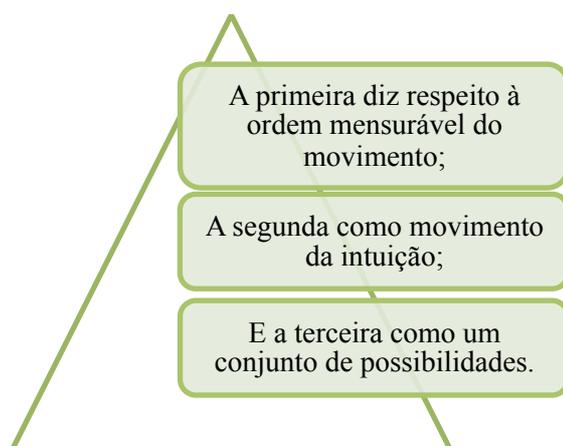
Nesse sentido, como aporte teórico metodológico foi feita uma incursão nos estudos de Halbwachs (2006, 2004), Le Goff (2003), Montesperelli (2004), Abbagnano (2007), dentre outros.

A palavra Tempo, originária do latim *tempus*, desde a sua constituição, vem sendo apropriada como uma categoria analítica em diversas ciências, ela é um elemento indispensável para a compreensão do passado e do presente (LE GOFF, 2003). Nesse sentido, o presente estudo, torna-se imprescindível porque propõe a compreensão sobre o tempo e suas multiplicidades.

Diante disso, ressalta-se que, o tempo foi discutido tanto pela filosofia como pela ciência clássicas. Gondar (1996), em seu trabalho sobre a multiplicidade de tempos na metapsicologia, reflete que, para a ciência, o tempo foi um entrave para o estabelecimento de leis permanentes e universais, e para a filosofia, uma busca para as veracidades eternas e absolutas.

Dessa forma, torna-se necessário compreender de que forma essa categoria foi constituída para a filosofia. Portanto, o conceito de tempo para Abbagnano (2007), baseia-se em três concepções, conforme figura 01:

Figura 01: Concepções sobre a Constituição do Tempo na Filosofia



Fonte: ABBAGNANO, 2007. ELABORAÇÃO: BENEDICTIS, N.M^aS.M. e MEDIEROS, S.S.M.



A primeira concepção estrutura-se numa visão de que o tempo é uma “[...] esfera que abrange tudo [...]” (p. 1111), essa definição projeta-se numa concepção pitagórica. Para Platão, o tempo é uma “imagem móvel da eternidade” (Ibid), ou seja, ele existe desde a formação planetária, da sucessão constante das estações, das variações, é ele quem reproduz, nesse movimento, a imutabilidade do ser eterno.

Para Aristóteles, o tempo é medido na quantidade do movimento conforme o antes e o depois, podendo ser mensurável. Essa concepção influenciou, na Idade Média, diversos filósofos, entre eles Tomás de Aquino e Descartes. Porém, Locke (ABBAGNANO, 2007) criticou tal concepção, pois não figurava o atrelamento do tempo ao movimento, e sim, a uma ordem constante e repetível, ou seja, qualquer aparição cíclica e durável, ou mudança de idéias, que acontecesse em espaços de duração visivelmente eqüidistantes, constante e observável, poderia servir para distinguir os intervalos de tempo.

Berkeley inseriu na concepção de tempo a ordem das idéias, a fluidez do espírito que é compartilhada no lugar do movimento. Esse pensamento fundamentou a Lei da Mecânica de Isaac Newton que diferenciava o tempo absoluto do relativo. Portanto, “o tempo é a medida do movimento, ou seja, o movimento uniforme é a medida do movimento não uniforme” (ABBAGNANO, 2007, p.1112), o tempo é “uma ordem de sucessões” (Ibid).

Essa visão pode ser ampliada com base em Kant, que reduz a ordem de sucessão a ordem causal, pois uma coisa só pode conquistar seu lugar no tempo, com a condição do estado precedente, e isso pressupõe o uso de uma regra. Para ele, o tempo se configura como “[...] formas puras da sensibilidade” (JAPIASSU E MARCONDES, 2006, p. 265), constituindo-se como uma condição de probabilidades do conhecimento do real, a “forma do sentido interno, isto é, da intuição de nós mesmos e de nosso estado interior” (Ibid).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Na segunda concepção, o tempo é compreendido como intuição do movimento ou devir “intuído” (ABBAGNANO, 2007, p.1116), esta acepção é atribuída a Hegel, o qual conceitua o tempo como o enceto do Eu, da autoconsciência pura. Porém, o filósofo não coliga o tempo com a consciência, mas com algum aspecto parcial ou abstrato da mesma. Fica claro que, essa visão contempla a discussão sobre a relação entre o tempo e a consciência. O exemplo disso é a visão de Santo Agostinho que percebe o tempo como a “própria vida da alma que se estende para o passado ou para o futuro” (ibid). Essa teoria agostiniana pode ser entendida na superação da divisão do tempo como o presente, passado e futuro. No entanto, explicita três tipos de presentes: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro.

Essa concepção foi retomada por Henri Bergson, sobre a qual o tempo se constitui como um tema basilar da sua filosofia. O filósofo tece críticas ao pensamento filosófico e científico, pois compreende que não observam o tempo real. De acordo com Bergson, o tempo dos filósofos e cientistas é esquemático e espacial, assim, é conflitante com o tempo que é a própria organização do real, ou seja, “[...] o tempo que Bergson define como sucessão, continuidade, mudança, memória e criação” (COELHO, 2004, p.234). Dessa forma, o tempo é mobilidade, ele é o que se faz o vivido, a duração da consciência. Portanto, para Bergson, “o tempo não é um vazio homogêneo no qual os acontecimentos se sucederiam semelhante à idéia do espaço vazio no qual os objetos estariam colocados simultaneamente” (Ibidem, p.244).

Dessa forma, ao conceber o tempo como o tecido do real, Bergson funda sua compreensão no sentido de que o tempo não pode ser apartado dos acontecimentos psicológicos ou físicos, “ele estabelece que o tempo pode ser compreendido como sucessão, continuidade, mudança, memória e criação. Nesse sentido, o tempo é único, ou seja, essa é a natureza da infinidade de fluxos ou durações temporais contemporâneas” (Ibidem).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Por fim, a terceira concepção de tempo como um conjunto de possibilidades. Essa visão é elucidada por Heidegger em sua obra intitulada “Ser e tempo”. A primeira característica é a primazia atribuída ao futuro na explicação sobre o tempo, diferentemente das duas primeiras concepções que fundavam no presente.

Para o filósofo, o tempo está relacionado ao *Por-vir*, ou seja, ao futuro. Desta forma, o tempo é a condição de possibilidade, é autêntico, próprio da existência. Assim, procurava determinar o sentido do Ser no mundo, “*Dasein: ser-ai*”, “existência” ou “presença”. Nesse sentido, Heidegger explica que no sentimento originário da existência, o homem, percebe na “angústia”, o ser para morte. Ao refletir sobre a condição de *Dasein*, esbarra com a contingência de seu nascimento (passado) e com a inelutabilidade da morte (futuro). O resultado é o sentimento autêntico da finitude real da condição humana.

Assim, essas concepções sobre o conceito de tempo retratam a sua multiplicidade e propiciam uma melhor compreensão sobre sua constituição e condicionantes para a compreensão sobre a Memória. Porém, evidenciam o caráter de complexidade e importância que gira entorno dessa categoria, pois os conceitos advêm de posições metodológicas e de visões de mundo as mais diversas. É um construto conceitual de grande complexidade, por isso, a memória torna-se uma fonte importante de sua percepção, pois sua representação não é linear e dessa forma possibilita uma ordenação do tempo.

Diante disso, percebe-se que as contribuições filosóficas para a compreensão da categoria tempo, nos conduz para a apreensão do caráter multimodal da Memória. As discussões sobre o tempo é uma preocupação dos filósofos desde a Grécia antiga até os pensadores atuais, porém, não se restringe apenas a filosofia, mas também a outras áreas do conhecimento como a sociologia, a antropologia, a geografia, a história, dentre outras.



Nessa perspectiva, é importante ressaltar as contribuições de autores como Emile Durkheim, considerado como fundador da sociologia que anunciou o estudo dos fatos sociais como “coisas”, por meio de regras e rigor científico. Nesse sentido, no que se refere à noção de tempo, Durkheim, ao estudar sobre a divisão social do trabalho, observou que na mesma medida em que o tempo é uma expressão do ritmo das atividades de uma sociedade, também a ordena.

Para o sociólogo, existem noções essenciais para a nossa vida intelectual, e essas foram preconizadas desde Aristóteles, são as chamadas categorias do entendimento como a noção de tempo, espaço, gênero, número, etc. Estas possuem uma correlação com os atributos mais gerais das “coisas”, pois não se pode pensar sobre os objetos sem que haja um tempo, um espaço, pois são coisas sociais, pertencem ao pensamento coletivo (DURKHEIM, 2003).

Durkheim concebia o tempo não somente como uma “[...] comemoração, parcial ou integral, de nossa vida transcorrida. É um quadro abstrato e impessoal que envolve não apenas nossa existência individual, mas a da humanidade” (ibidem, p. 17). Essa concepção nos leva a compreender que o tempo existente numa sociedade não é somente de um indivíduo, é coletivo.

Deste modo, pressupõe uma organização em que as coisas são classificadas de forma temporal na vida social. Assim, o calendário “exprime o ritmo da atividade coletiva ao mesmo tempo em que tem por função assegurar a regularidade” (ibidem).

Fica claro que essa forma ordenada do tempo e seus recortes (vida social, ritmos, atividades, etc.), promovem a direção da memória e munícia as referências sobre as quais os indivíduos estabelecem suas vivências. Portanto, essas vivências se constituem por presente, passado e futuro. Conseqüentemente, essa linha, possibilita ao calendário ser como um ordenador e regulador. Logo, esse tempo também exprime uma memória coletiva e individual.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Corroborando com Durkheim, Halbwachs (2006), compreende que o tempo do indivíduo não é só seu e, portanto não pode existir afastada da sociedade. Esse tempo, assim como a memória, estaria materializado na própria sociedade por meio dos diversos grupos que a compõem.

Nesse sentido, para entendermos sobre o tempo na memória dos grupos ou coletiva, é preciso apreender que para o autor, o indivíduo não vive isolado e por isso, a própria vida em sociedade alude sobre a organização dos tempos e durações. Sendo assim, há uma representação coletiva do tempo, pois, o tempo também remete a uma discussão sobre as “[...] convenções e costumes, porque expressam a ordem, inevitável também, segundo a qual se sucedem as diversas fases da vida social” (p.113).

Em Montesperelli (2004), incorporamos a idéia de que a memória consiste pelo uso do tempo, por parte dos indivíduos e da própria sociedade. Esse entendimento concede à memória funções estratégicas como os “[...] criterios de plausibilidad, de relevância y clasificación, las representaciones del tiempo y del espacio, las relaciones que el individuo mantiene con la memoria de los demás miembros de um mismo ambiente social, etc” (p. 07).

Nessa perspectiva, como concebemos o tempo como uma importante categoria para compreendermos a memória, deve-se discutir sobre o significado do tempo e sua multiplicidade, pois somente compreendendo o seu sentido é que abarcaremos sobre a construção das lembranças. Assim, o tempo é uma categoria cheia de significados, conteúdos de realidades plenas e cheio de um poder social que o torna coercitivo.

Para operacionalização da pesquisa, foi utilizado, no site da Scielo/Brasil, o índice de formulários de busca, o qual possibilitou o acesso aos periódicos e seus respectivos artigos sobre a temática por ordem alfabética. Assim, do total de periódicos pesquisados 81 (oitenta e um) pertencem à área de Ciências Humanas, sendo que 75 (setenta e cinco) classificam por títulos correntes e 06 (seis) por

títulos não correntes. Foram encontrados 2.467 (Dois mil quatrocentos e sessenta e sete) artigos dos quais 2.393 (Dois mil trezentos e noventa e três) pertencem aos títulos correntes e 74 (setenta e quatro) aos não correntes.

Vale ressaltar que, o estudo foi realizado com o intuito de fazer um levantamento sobre a inserção da categoria tempo nos títulos que compõem os artigos. Diante disso, foram encontrados 202 títulos correntes e 08 não correntes. Ao identificar os periódicos e suas respectivas áreas, foram feitas aglutinações para a ordenação das mesmas. Dessa forma, todos os periódicos da área de Educação foram reunidos numa mesma classificação. Assim, foram identificadas 25 áreas, conforme tabela 01.

Tabela 1: Identificação das áreas dos periódicos conforme informações da Scielo.

Área	Números	Artigos	Dados Percentuais
Educação	10	36	17,8%
Ciências Sociais	03	10	4,95%
História	06	27	13,4%
Econômicos e sociais-	1	18	8,9%
Hist.das ciên.e da saúde .	01	06	2,97%
Antropologia	01	02	0,99%
Desenvolvimento Local	01	01	0,5%
Comunicação /Educação e Saúde	01	05	2,5%
Filosofia	03	11	5,5%
Cultura Política	01	07	3,5%
Ciências Sociais e Humanidades	02	04	1,98%
Psicologia Educacional	02	06	2,97%
Psicologia Social	01	03	1,5%
Psicologia	07	25	12,4%
Psicologia e Ciências	01	10	4,7%
Educação Especial	01	02	0,99%
Medicina e Educação	01	02	0,99%
Física	01	11	5,5%
Política Internacional	01	02	0,99%
Filosofia e Ciências Humanas	01	05	2,5%
Sociologia	02	09	4,5%
TÍTULOS NÃO CORRENTES			
Estudos Afro-Asiáticos	01	01	12,5%



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Revista de Antropologia -	02	03	37,5%
Rev.do Departamento de Psicologia. UFF -	01	01	12,5%
Multidisciplinar -São Paulo em Perspectiva -	01	03	37,5%

Fonte: Scielo do Brasil. Elaboração: BENEDICTIS, N.M^a.S.M e MEDIROS, S.S.M.

Analisando a tabela acima, percebe-se que o maior índice de publicações, envolvendo a utilização da categoria tempo, em seus títulos, localiza-se na área de Educação, História e Psicologia nos títulos correntes, e nas áreas de Antropologia e no periódico São Paulo em Perspectiva – multidisciplinar, nos títulos não correntes.

Examinando os artigos da área de educação notamos que o principal enfoque sobre o tempo está na relação com a formação de professores, nas políticas públicas de educação e nas práticas educativas. O tempo usado é um tempo social e decorre do entendimento de uma “[...] ordem que se experimenta e se aprende na escola” (SOUZA, 1999, p.01). A categoria de análise aqui é o *tempo escolar*, cuja “[...] identidade se associa ao tempo de ir à escola” (Ibidem), ou seja, o tempo escolar e o seu desenvolvimento por meio das políticas públicas de educação.

Na área de História e Antropologia, encontram-se textos referentes ao tempo cronológico, relacionando-o à memória numa perspectiva histórica. Assim, o tempo é apresentado como categoria, para a compreensão do contexto de uma determinada época e explicação do passado.

Na Psicologia, o tempo possui uma abordagem mais filosófica e até sociológica. Em um dos textos examinados o tempo possui uma característica dentro dos padrões das ciências da saúde e se entrelaça aos “[...] aspectos físicos, biológicos, psicológicos e sociológicos” (PEREIRA JR., A.; GUERRINI, 2004, p. 01). Para os autores, a categoria tempo pode se apresentar com várias faces, estando sujeito à ciência. Assim sendo, há uma multiplicidade de tempos a depender da experiência de vida de cada pessoa e de seus processos de constituição da saúde.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

CONCLUSÕES

É certo que o tempo cronológico existe. O que precisamos refletir é sobre essa constituição e de que forma a sociedade pensa nesse tempo. É esse tempo que ordena e regula a vida dos indivíduos em sociedade, pois se vivemos em sociedade, estamos inseridos no tempo que é organizado e é o resultado de determinações e costumes da própria vida social.

Assim as temporalidades estão presentes na vida humana, seja através de influências internas do tempo subjetivo, expresso nas sensações e impressões, vistas como tempo qualitativo; ou de influências externas, o tempo social, cujas temáticas articulam em si, tempo e memória; subjetividade e identidade, pois são indissociáveis.

Outro aspecto constatado na pesquisa foi que na maioria dos artigos apresenta uma concepção de tempo histórico, mensurável, um tempo quantitativo. Enquanto que, em menor quantidade, enfatizam-se o tempo social como fatores exteriores ao indivíduo, visto como forma de controle e regulação social.

O tempo subjetivo de experiências que não pode ser mensurável e que depende de cada um foi pouco enunciado, já uma minoria de cunho filosófico enfatizou a concepção de tempo como duração baseado em Bergson e Deleuze, sendo essa visão ligada a liberdade identificada como recôndito do nosso ser.

Na contemporaneidade relata-se sobre a economia de tempo. Weber (1993) enfatizava que tal afirmativa seria o início da operacionalização do capitalismo moderno. Dessa forma, percebe-se que o próprio sistema capitalista ao abreviar o tempo de trabalho como prospecção de fonte de riqueza, torna-se uma contraposição temporal que exclui o homem do trabalho substituindo pelas máquinas, porque desenvolve o trabalho em menos tempo.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Assim percebem-se uma redução do tempo social em que os homens se submetem as ordens do “tempo capital”, tendo que trabalhar mais, em menos tempo, necessita produzir mais em todos os campos sociais foi algo quase que omissos nos artigos

Essa característica concebe o tempo como uma necessidade social, de uma organização social mais complexa e coletiva, é ele quem estabelece o viver e o agir coletivamente, logo é social e exprime a complexidade histórica das relações sociais.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**, Português, Martins Fontes, 2007.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Tr. Paulo Neves. 2.^a ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CANDAU, Joel. Pensar, classificar: memória e ordenação do mundo. In. **Memória e Identidade**/Joel Candau; tradução Maria Letícia Ferreira. - São Paulo: Contexto, 2011.
- DELEUZE, G. *Le Bergsonisme*. Paris: Press Universitaires de France, 1966.
- DURKHEIM, Émile. (1921), **As formas Elementares da Vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1.^a ed. 1996. 3.^a tiragem agosto de 2003.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do Método Sociológico*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2001.
- COELHO, J. G. Ser do tempo em Bergson, In: **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.8, n.15, p.233-46, mar/ago 2004.
- GONDAR, J. A multiplicidade de tempos na metapsicologia. In: KATZ, C.S. (Org.). **Temporalidade e Psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 1996. p.67-87. p.70.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. - São Paulo: Centauro, 2006, 224p.
- _____. **M. Los Marcos Sociales de La Memória**. Trad. De Manuel A. Baeza y Michel Mujica - Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de La Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004. 431p.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. [ET AL]. - 5.^a ed. - Campinas SP: Editora da Unicamp, 2003.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

PEREIRA JR., A.; GUERRINI, I. A. **Unidade e multiplicidade do tempo: uma abordagem transdisciplinar.** *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.8, n.15, p.247-56, mar/ago 2004.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Tempos de infância, tempos de escola: a ordenação do tempo escolar no ensino público paulista (1892-1933).** *Educ. Pesqui.* [online]. 1999, vol.25, n.2, pp. 127-143. ISSN 1517-9702.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento na ciência. In Weber, M. *Metodologia das Ciências Sociais, Parti 1.* São Paulo: Cortez, 1993b.